

Diários da Maré: as operações policiais e o cotidiano escolar na visão de bolsistas do PIBID da UFRJ

Maré Diaries: police operations and school life from the perspective of
UFRJ's PIBID scholarship holders

Isabella Pereira Silva¹

Marcela Guilherme de Lima²

Marcos Vinícius Scheffel³

Maria Eduarda Sancier Dias de Oliveira⁴

Paulo Gustavo Santos da Silva⁵

Resumo

O presente artigo analisa o impacto das operações policiais e da violência urbana no cotidiano localizado no Complexo da Maré, Rio de Janeiro. O estudo fundamenta-se na experiência de bolsistas do PIBID/UFRJ que atuam na instituição, onde os frequentes conflitos armados e furtos de cabos suspendem aulas ou impõem condições precárias. Utilizando diários de campo individuais como instrumento etnográfico, os licenciandos registraram sistematicamente as vivências da unidade de ensino, o que propiciou o desenvolvimento de um olhar investigativo, crítico e reflexivo sobre a práxis docente e as desigualdades que afetam o ambiente escolar. Paralelamente, estimulou-se a escrita de diários pelos próprios alunos da educação básica a partir da leitura de O Diário de Anne Frank, revelando discentes que interpretam criticamente os impactos dessas interrupções em seus projetos de vida. Conclui-se que o diário de campo é uma potente ferramenta de formação inicial que articula teoria e prática, consolidando uma postura pedagógica sensível e comprometida com os direitos humanos e a garantia do direito à educação em contextos de extrema vulnerabilidade social.

Palavras-chave: Operações policiais; violência urbana; cotidiano escolar; formação de professores; PIBID.

¹ Aluna do curso de Letras Português e Literaturas e bolsista do Programa de Iniciação à Docência da UFRJ.

² Aluna do curso de Letras Português e Literatura e bolsista do Programa de Iniciação à Docência da UFRJ.

³ Professor da Faculdade de Educação da UFRJ e coordenador do subprojeto de Português do Programa de Iniciação à Docência da UFRJ.

⁴ Aluna do curso de Letras Português e Literatura e bolsista do Programa de Iniciação à Docência da UFRJ.

⁵ Professor do e supervisor do subprojeto de Português do Programa de Iniciação à Docência da UFRJ.

Abstract:

This article analyzes the impact of police operations and urban violence on the daily life of the Glocated in the Maré Complex, Rio de Janeiro. The study is grounded in the experiences of PIBID/UFRJ scholarship holders working at the institution, where frequent armed conflicts and cable thefts disrupt classes or impose precarious conditions. Using individual field journals as an ethnographic tool, the student teachers systematically recorded these experiences, fostering an investigative, critical, and reflective perspective on teaching praxis and the inequalities affecting the school environment. Concurrently, the students were encouraged to keep journals after reading The Diary of Anne Frank, revealing students who critically interpret the impact of these disruptions on their life plans. The study concludes that the field journal is a powerful tool for initial teacher training that bridges theory and practice, consolidating a pedagogical stance that is sensitive and committed to human rights and the guarantee of the right to education in contexts of extreme social vulnerability.

Keywords: Police operations; urban violence; school life; teacher training; PIBID.

Introdução

Conforme o Edital 10/2024 da CAPES, os Projetos Institucionais dos Programas de Iniciação à docência devem promover: I - O direito à educação; II - A educação integral; III - O compromisso social e valorização dos profissionais da educação; IV - A gestão democrática do ensino público; V - Práticas sociais e cidadania; VI - Respeito e valorização das diversidades étnicas e raciais e de gênero; e VII - Educação em direitos humanos. Contudo, evidencia-se o desafio de efetivar os objetivos I e VII no contexto de atuação no escola da Rede Municipal do Rio de Janeiro, localizada às margens da Avenida Brasil, no Complexo da Maré e alvo de constantes operações policiais. Segundo o Boletim Direito à Segurança Pública na Maré, houve um total de 16 operações policiais em 2025, resultando no cancelamento de 9 dias de aulas. Segundo este mesmo boletim, “entre 2016 e 2025, foram 163 dias de escolas fechadas no território em decorrência de operações policiais, o que equivale à perda de aproximadamente um ano letivo na trajetória educacional de crianças e adolescentes da Maré.” (Boletim Direito à Segurança Pública na Maré 2025, p. 2).

Nesta escola, o subprojeto de Português tem dois professores supervisores e dezesseis bolsistas de Iniciação à Docência desde 1 de março de 2025. A alta demanda desta unidade para realização do programa se deve ao acesso facilitado aos bolsistas (o

Complexo da Maré é situado ao lado da Universidade Federal do Rio de Janeiro — UFRJ), além de ser uma escola parceira de estágio e contar com um trabalho de destaque realizado pelos professores supervisores — egressos do Curso de Letras da UFRJ e moradores da Maré.

Uma das estratégias de registro e monitoramento das atividades desenvolvidas para o acompanhamento dos bolsistas do programa foi a escrita de diários individuais. Inevitavelmente, um dos temas recorrentes em muitos registros dos bolsistas foi a violência urbana vivenciada por eles, pelos professores, pelos alunos e por toda a comunidade escolar. A análise destes registros e as estratégias pedagógicas desenvolvidas servem para reafirmar a luta pelo direito à educação e pelos direitos humanos que norteiam as ações do projeto.

Resistir pela escrita

Um dos diários íntimos mais conhecidos no mundo é o da jovem judia Anne Frank (1929-1945). Neste diário ela narra os dois anos que sua família viveu escondida para escapar à perseguição nazista durante a Segunda Guerra Mundial. Anne Frank registra seus sentimentos, os conflitos da adolescência e o medo constante causado pela guerra e pela perseguição nazista. Por seu valor literário, humano e documental, a obra costuma ser lida anualmente no contexto escolar. A edição abaixo, uma adaptação do diário para linguagem da HQ, que consta do Programa Rio de Leitores⁶, foi distribuída para escolas da Rede Municipal de Ensino.

⁶ Programa gerenciado pela Secretaria Municipal de Educação do Município do Rio de Janeiro. Não há muitas informações sobre o projeto Rio de Leitores, por exemplo, outras obras que constem do acervo, quantidade de obras distribuídas, critérios de seleção das obras e impacto do projeto.



Consequentemente, a obra foi logo incorporada às práticas de leitura em sala de aula, como podemos ver em um registro de um bolsista de iniciação à docência:

Imagem 1: Registro de um trecho do diário de um bolsista do PIBID

27 de março de 2026

Mesmo que o ano tenha mal "começado", as coisas parecem já estar diferentes do ano passado. Talvez eu tenha criado algumas expectativas negativas de modo geral e por conta da exaustão de 2025 eu não estava tão otimista, mas já fui surpreendido positivamente tanto na faculdade quanto na escola.

Hoje finalmente pudemos ter a experiência do famoso círculo de leitura. Ano passado ficamos tão presos às trilhas de recomposição que eu nem pensava que iríamos tentar outra coisa. **Estamos introduzindo o gênero diário desde as nossas primeiras aulas e a partir de hoje iniciamos a leitura de *O Diário de Anne Frank* em quadrinhos com as turmas 1703 e 1701.**

Na 1703, como o tempo é um pouquinho mais corrido, usamos a experiência como um teste para descobrir como faríamos na 1701 depois. Antes de iniciarmos, fiz uma contextualização sobre a obra, sobre quem era Anne e onde se passava sua história.

Em seguida, o Sávio partiu para análise da capa e das primeiras páginas do livro. A turma ficou tão empolgada que era difícil organizar tudo. Os alunos queriam tanto participar que falavam um por cima do outro. Surgiram várias dúvidas, várias perguntas e era muito bom ver a turma engajada logo na nossa primeira leitura.

O registro supracitado evidencia que lançar mão de livros em formato de quadrinhos é uma metodologia que parece fazer com que os estudantes demonstrem maior interesse pelo enredo e participem mais da aula, o que culmina em resultados mais positivos e produtivos nas atividades. Cativar e prender a atenção dos alunos em aula, tendo em vista o atual contexto de salas lotadas nas escolas públicas, também constitui um dos maiores obstáculos para a prática docente diária e, portanto, a adaptação do material para uma linguagem visual e escrita mais acessível é uma estratégia eficaz para minimizar este problema. Vale ressaltar que a troca entre aluno e professor é sempre benéfica quando o entusiasmo constitui uma relação de mutualismo, e não de competição de autoridades. No fim, como se observa no registro do bolsista, todos saem satisfeitos da experiência: o aluno entusiasmado com a atividade e o professor realizado por constatar que a aula foi bem-vinda e concluída com êxito.

O diário de campo como instrumento etnográfico na formação docente: reflexões a partir da experiência no PIBID

O diário de campo foi um dos principais instrumentos da observação etnográfica por possibilitar o registro sistemático das experiências vividas, das interações estabelecidas e das reflexões produzidas durante a permanência no campo. No contexto do PIBID, sua utilização vai além do acompanhamento das atividades desenvolvidas nas escolas: ele permite ao licenciando construir um olhar investigativo sobre o cotidiano escolar e compreender que a formação docente acontece também pela observação, pela escuta e pela reflexão crítica. Ao registrar acontecimentos aparentemente rotineiros, o diário transforma experiências em objetos em análise.

Não se trata apenas de anotar o que aconteceu, mas de interpretar sentidos, perceber relações e identificar aspectos que, no cotidiano acelerado da escola, poderiam passar despercebidos. A permanência na escola e o exercício contínuo da escrita fizeram com que os bolsistas percebessem que o ambiente escolar é atravessado por fatores sociais, econômicos e políticos que interferem diretamente no processo de ensino e aprendizagem.

Essa compreensão dialoga com o texto *Violência nas escolas* de Miriam Abramovay e Maria das Graças Rua (2002, p.75), que demonstram que a violência no espaço escolar não se restringe aos episódios ocorridos dentro da escola, mas também é influenciada pelas condições sociais e pela violência presente no entorno. As autoras evidenciam que esse contexto compromete o processo educativo, fragiliza as relações escolares e afeta o desenvolvimento dos estudantes. No caso as operações policiais, as invasões e os furtos registrados nos diários de campo revelam como a violência urbana ultrapassa os muros da escola e interfere diretamente na garantia do direito à educação.

Para além dos episódios de operação policial nas comunidades circunvizinhas da unidade escolar, nos registros produzidos, outro evento hostil às atividades educativas é pontuado: sucessivas invasões à escola, furtos de cabos elétricos e, por conseguinte, interrupções das aulas. No diário, os bolsistas descrevem a frustração de encontrar a escola novamente sem energia elétrica, a incômoda demanda da realização de provas em condições inadequadas, as intervenções policiais e o impacto dessas ocorrências sobre estudantes e professores.

Imagem 2: Registro de um trecho do diário de um bolsista do PIBID

6 de abril de 2026

Hoje tivemos uma aula atípica. A escola foi saqueada mais uma vez, roubaram fios e a escola ficou novamente sem luz pela 3º vez. Mesmo assim, o Guga pediu para que eu e as meninas fôssemos para a escola, mesmo com os alunos sendo liberados às 9h20.

É muito triste presenciar essa situação e até mesmo revoltante saber que não podemos fazer nada para resolver isso. A cada episódio como esse, fica evidente o quanto os alunos saem prejudicados, sendo obrigados a fazer provas da prefeitura sem luz e sem ventilação no calor do Rio de Janeiro, comprometendo a continuidade das aulas e as oportunidades de aprendizagem. Isso vai se acumulando e impacta diretamente no desenvolvimento deles, criando lacunas difíceis de recuperar, é desanimador ver a escola, que deveria ser um espaço de construção, crescimento e segurança sendo constantemente interrompida por problemas assim.

Imagem 3: Registro de um trecho do diário de um bolsista do PIBID

06 de abril

Estamos vivendo uma grande injustiça no Rio de Janeiro, principalmente em regiões periféricas, onde a escola se situa, e tudo isso se reflete em mais um saque à escola! Por conta da falta de luz, as atividades foram encerradas mais cedo, afetando o planejamento das aulas e nossa atuação. **A sensação que fica é a de que não existe mais um respeito pelo espaço da escola, pela educação e por sua importância.** Em resposta, alguns pais de alunos fizeram manifestação em frente a avenida, conseguindo uma resposta da CRE. Esperamos que essa resposta se converta em ação.

Imagem 4: Registro de um trecho do diário de um bolsista do PIBID

13 de abril:

Essas últimas semanas foram bem difíceis na escola. Ficamos cerca de duas semanas sem conseguir atuar por falta de luz, depois do furto dos fios de cobre. E o pior é que a escola foi invadida e saqueada quatro vezes em um único mês. Infelizmente, diante de tudo isso, não houve apoio da CRE. A resposta foi que não teria verba para resolver a situação. Mesmo assim, os alunos precisaram fazer avaliações em condições bem inadequadas: sem luz, sem ventilação, em salas muito quentes. Conversando com eles, alguns falaram que gostaram de ficar sem aula, porque puderam descansar, brincar... É claro, são muito novos e nem todos entendem a importância das aulas. Outros, com uma consciência maior, disseram que se sentiram prejudicados, principalmente por terem feito prova sem entender o conteúdo, e ficaram chateados com o resultado. Além disso, ainda houve operações policiais no entorno da escola, o que também impacta a rotina.

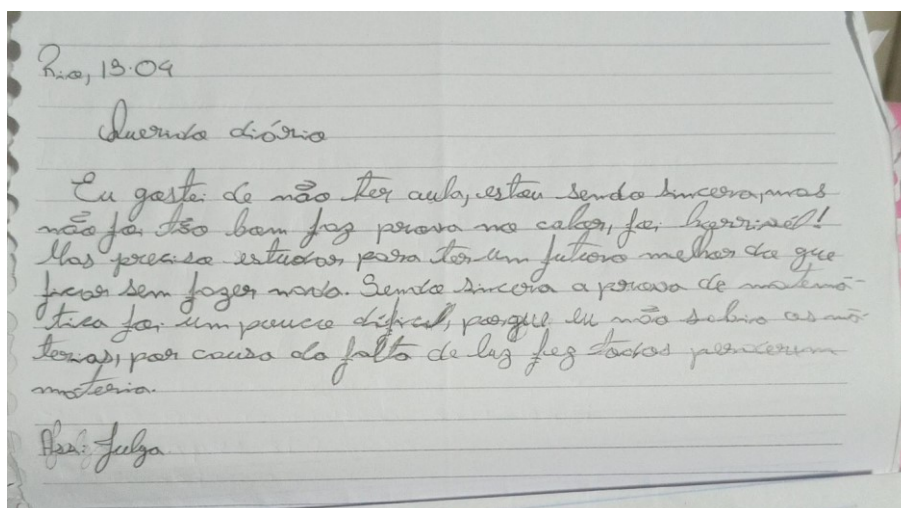
Entretanto, ao revisitar essas anotações, percebe-se que o aspecto mais importante não é o fato em si, mas a mudança de perspectiva proporcionada pela escrita. O diário evidencia como a observação sistemática permite compreender que o direito à educação depende também de condições materiais, segurança e continuidade das atividades escolares.

Outro ponto a ser destacado é a perspectiva de que os diários são produções escritas de futuros professores de Português que terão o papel de estimular a produção escrita em futuros estudantes da educação básica e para isso precisam dominar determinados gêneros do discurso, como o diário íntimo e o diário de leitura. Nesse ponto, a coordenação do subprojeto e os supervisores podem: “perceber os momentos em que esses licenciandos em formação colocam-se no lugar de futuros professores que

terão que tomar uma posição diante dos desafios da docência.” (SCHEFFEL, M. V.; MENDES, C. S.; SILVA, P. G. S.; VASCONCELLOS, V. F. S: 2025, p.6).

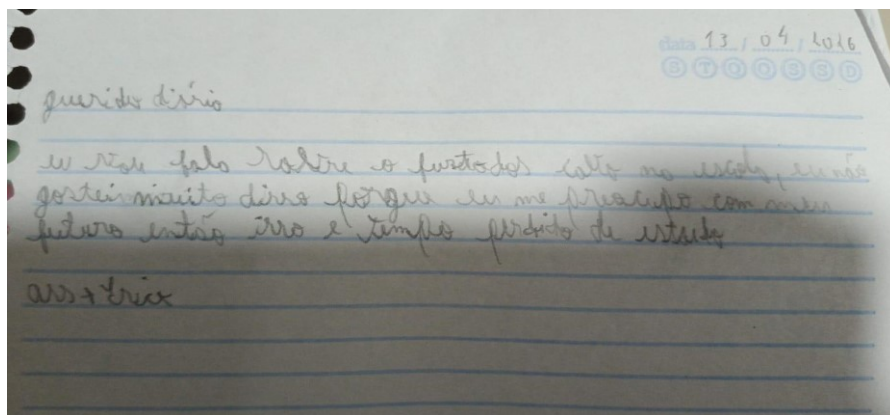
Os bolsistas puderam assumir o papel de propositores da escrita de diários a partir dos acontecimentos vivenciados pelos estudantes da educação básica na Maré. Uma aluna afirma que foi horrível fazer prova sem ventilação e reconhece que a perda das aulas prejudica o seu aprendizado. Outro estudante associa diretamente a interrupção das aulas ao seu futuro, demonstrando preocupação com a aprendizagem. Como pode ser observado nos registros abaixo:

Imagem 5: Registro do diário de uma aluna da



Transcrição: “Querido Diário, eu gostei de não ter aula, estou sendo sincera, mas não foi tão bom fazer prova no calor, foi horrível! Mas preciso estudar para ter um futuro melhor do que ficar sem fazer nada. Sendo sincera a prova de matemática foi um pouco difícil, porque eu não sabia as matérias, por causa da falta de luz fez todos perderem matéria. Ass: Julya”.

Imagem 6: Registro do diário de um alun



Transcrição: “Querido diário, eu vou fala sobre o furto dos cabos na escola, eu não gostei muito disso porque eu me preocupo com meu futuro então isso é tempo perdido de estudo Ass: Erick”.

Esses escritos revelam que os alunos não são apenas receptores das consequências da violência, mas sujeitos capazes de interpretar criticamente sua própria realidade. Ao incorporá-los ao diário de campo, a observação deixa de ser individual e passa a contemplar múltiplas perspectivas. A aproximação entre o olhar dos bolsistas e as narrativas dos estudantes demonstra que a formação docente acontece na relação entre teoria e prática. O professor em formação aprende a observar antes de intervir, a escutar antes de propor soluções e a compreender que o planejamento pedagógico precisa considerar o contexto social da escola. O diário de campo favorece essa postura reflexiva porque obriga o licenciando a reorganizar suas experiências por meio da escrita, identificando contradições, desafios e possibilidades de atuação.

Os registros dialogam com a ideia freireana de que a leitura da palavra está ligada à leitura do mundo. Também se aproximam dos diários de Anne Frank e Carolina Maria de Jesus, discutidos no projeto, ao transformar experiências cotidianas em memórias e denúncias.

Guardadas as diferenças históricas, todos esses escritos revelam a potência da escrita para registrar realidades marcadas por adversidades e produzir reflexão. No caso do PIBID, escrever permitiu compreender que a violência não afeta apenas a

infraestrutura escolar, mas também os projetos de vida dos estudantes e o trabalho docente.

Considerações finais

A análise dos diários demonstra que o diário de campo é muito mais que um instrumento de registro. Ele constitui uma ferramenta de formação docente porque desenvolve a capacidade de observar, interpretar, refletir e produzir conhecimento sobre a realidade escolar.

O diálogo entre os registros dos bolsistas e as produções dos estudantes evidencia que a experiência etnográfica fortalece a construção de uma prática pedagógica crítica, sensível e comprometida com o direito da educação. Assim, o PIBID não apenas aproxima o licenciando da escola, mas também a forma como pesquisador de sua própria prática, capaz de compreender o cotidiano escolar em sua complexidade e de transformar essa experiência em conhecimento pedagógico.

Referências

ABRAMOVAY, Miriam; RUA, Maria das Graças. Violências nas escolas. Brasília: UNESCO, 2002. pg 75.

Boletim Direito à Segurança Pública na Maré. Dados de 2025 9a ed. Consultado em: 07/07/2026. Disponível em:

https://www.redesdamare.org.br/media/downloads/arquivos/Boletim_Seguranca%CC%A7a_Publica_Rd.pdf

FOLMAN, Ari e POLONSKY. *O diário de Anne Frank*. 11ª ed. Tradução Raquel Zampil. Rio de Janeiro / São Paulo: Editora Record, 2021.

JESUS, Carolina Maria. *Quarto de despejo: diário de uma favelada*. 10ª ed. São Paulo: Editora Ática, 2014.

SCHEFFEL, M. V.; MENDES, C. S.; SILVA, P. G. S.; VASCONCELLOS, V. F. S. Querido diário: escrita-leitura-reflexão no PIBID de Português da UFRJ. Consultado em 07/07/2026. Disponível em: <https://editorarealize.com.br/artigo/visualizar/139361>